

# A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

## MENSAGEM DO IRMÃO BISPO AO POVO DA DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

*Minhas irmãs,  
meus irmãos na fé de Jesus Cristo:*

Na esperança de que se fortaleça a sua Fé com a vitória de Jesus Ressuscitado e se intensifique nossa luta por dias melhores, gostaria de recordar com vocês as linhas pastorais que têm orientado os esforços de nossa diocese. Como até agora, no futuro. Sem qualquer concessão.

1. *Somos uma Igreja marcada pelo mistério da Páscoa, Cruz e Ressurreição.* Somos um Povo que sofre uma longa Sexta-Feira Santa, mas não perde jamais a Esperança de ressuscitar com Jesus. Como Paulo, estamos certos de que os sofrimentos desta vida não têm proporção com a glória que se manifestará em cada um de nós (Rm 8,18). A vitória de Jesus sobre as ideologias do seu tempo, encarnadas nos fariseus e nos dominadores romanos, garante nossa vitória sobre as ideologias e os ideólogos de nossos dias. Fortes na Fé e na comunhão com o Pai e com Jesus (Jo 1,3), somos capazes de resistir àqueles que pretendem seduzir, manipular, afastar-nos da unidade. Vamos revestir-nos da coragem de Deus, para podermos resistir ao dia mau e sair firmes do combate (Ef 6,10-13). Coragem, minhas irmãs, meus irmãos.

2. *Somos uma Igreja que só pretende servir.* A Igreja não veio para dominar, manipular, mas somente para servir na caridade. Como Jesus (Mt 20,28). No sentido de serviço devemos considerar nosso esforço de organização, nossas estruturas, as mudanças que de vez em quando fazemos, para servir melhor, sem qualquer infidelidade às nossas linhas pastorais. Temos sempre a consciência clara de que a Pastoral tem duas referências: Jesus Cristo e o Povo. Jesus é a referência absoluta em todos os tempos e lugares e circunstâncias: sem Jesus não existe Pastoral. O Povo é a referência relativa, este Povo concreto ao qual a Igreja, aqui e agora, anuncia Jesus como Salvador e Libertador dos homens. Não podemos deixar de estar

com o Povo sofrido da Baixada Fluminense, a quem Jesus tanto ama.

3. Em vinte e dois anos de serviço episcopal na Baixada, todo o nosso esforço pastoral procurou seguir, com humildade e esperança, as *linhas da fraternidade evangélica e da opção pelos pobres*. Somos uma Igreja de irmãs e de irmãos que, como Jesus, prefere os irmãos pobres e pequenos (Mt 25,40). A fraternidade é nossa utopia, mas uma utopia que tem seu fundamento na palavra de Jesus: "Vocês todos são irmãos" (Mt 23,8). Somos irmãos porque Deus é nosso Pai e porque Jesus veio ao mundo como nosso irmão mais velho (cf. Rm 8,29). Queremos ser comunidade de irmãs e irmãos, de tal modo que nosso relacionamento seja sinal da fraternidade; de tal modo que tentamos melhorar nossos métodos, instrumentos, estruturas pastorais à luz da fraternidade: de tal modo que nos inspiramos na fraternidade para achar a solução de problemas difíceis. Fraternidade é o que marca, todos os anos, a Campanha da Fraternidade. Fraternidade é o que será o VII Encontro Nacional de Comunidades Eclesiais de Base, em julho em Duque de Caxias. Nossa 1º Sínodo Diocesano é também um esforço de fazer crescer, pela Fé, o nosso espírito de família dos filhos de Deus.

A opção pelos pobres que é, senão desafio à nossa fraternidade? Não podemos admitir que entre os filhos de Deus existam as diferenças escandalosas que contradizem frontalmente o projeto de Amor do Pai, que fazem vergonha ao nosso Cristianismo acomodado e egoísta. Temos de lutar com os pobres por uma ordem social mais humana e mais justa. É assim que construímos a Paz.

Termino, agradecendo-lhes seu esforço de comunhão e participação no desempenho de nossa Pastoral, marcada de sofrimento e de esperança; pedindo-lhes rezem pelo irmão bispo, pelos irmãos padres, por todos os nossos muitos agentes de Pastoral. Feliz Páscoa, coragem, minhas irmãs e meus irmãos, deseja-lhes de coração seu irmão bispo.

Adriano

### LINHAS PASTORAIS

#### AS CEBs E A ORAÇÃO

• Segundo S. Lucas (Atos 2,42) os primeiros cristãos perseveravam na doutrina dos Apóstolos, na vida comum, na fração do pão e na oração. A oração era um elemento constitutivo da comunidade.

• Os Apóstolos aprenderam de Jesus o que é rezar. Os primeiros cristãos se miravam no exemplo dos Apóstolos e procuravam imitá-los. De Jesus através dos Apóstolos e de muitas gerações cristãs, durante cerca de dois mil até nós, se estabeleceu uma tradição ininterrupta, demonstrando que sem oração não existe comunidade cristã.

• Como forma de ser Igreja, é natural que a CEB fique fiel à unidade de uma Igreja que reza e que da oração tire os impulsos para anunciar Jesus Cristo como salvador da humanidade. Na oração a CEB encontra-se com o Pai e com os irmãos.

• Oração é relacionamento consciente, intelectual e afetivo, pessoal e comunitário da criatura inteligente com o seu Criador, um ser transcendente que é Amor, que é Senhor, que é Pai.

• Intuitivamente o homem sente-se frágil, limitado, pequeno. Daí por que procura fora de si e do mundo o Deus que o tenha criado, que o ajude, que o complete e aperfeioe. O homem, que se conhece a si mesmo em profundidade, levanta necessariamente as mãos e reza, e pede.

• Como a Igreja de todos os tempos, como os cristãos de todos os lugares, as CEBs cultivam a oração pessoal e comunitária. Reúnem-se em oração e sentem a verdade da promessa de Jesus: "Onde estão dois ou três reunidos em meu nome, estou eu entre eles" (Mt 18,20).

#### IMAGEM DE UNIDA FRAQUEZA

1. Fiquemos juntos, unidos, nunca seremos vencidos. Fiquemos juntos, unidos, nunca seremos vencidos. Assim cantavam, cadenciados, as centenas de posseiros que vieram à Capital reivindicar junto ao Governo o direito mais primário de morar e trabalhar. São gerações já nascidas nas terras abandonadas que nunca tiveram dono, que nunca foram lavradas. Lutamos e trabalhamos coo suor de nosso rosto, coos calos de nossas mãos, pra fazer um paraíso dessas terras sem futuro. E agora vêm mandarins comer o que nós plantamos.

2. Fiquemos todos unidos, nunca seremos vencidos... nunca seremos vencidos. Senhor Governador, Vossa Excelência, quando era candidato, falava diferente. Que era amigo do Povo. Que defendia o Povo. Esqueceu Vossa Excelência aquilo que prometeu? Pois nós viemos lembrar-lhe a fala do candidato que faz o que prometeu pra honra do seu mandato. A coisa mais vergonhosa do mundo, Governador, é sujeito sem palavra, mentiroso, fingidor. Nasceremos naquelas terras maninhas, abandonadas que pelo nosso trabalho agora são afamadas.

3. Falariam com franqueza, defendendo a causa justa... mas de repente a Polícia os planos do Povo susta. Investe com violência, dispersando a multidão que solidária só faz justa reivindicação. Em lugar duma audiência com quem recebeu mandado de prestar serviço ao Povo, bate firme a violência. Juntos aqui viemos, juntos resistiremos. Logo a brigada a cavalo avança contra a fraqueza, avança, cruel, brutal, contra o Povo sem defesa. Protestemos, meus irmãos, e digamos a verdade: muito mais vale o trabalho que qualquer propriedade. (A.H.)



enviou alguns Anciões dos judeus, para pedir que Jesus viesse salvar o empregado. Chegando aonde Jesus estava, pediram-lhe com insistência: "O oficial merece que lhe faças este favor, porque ele estima o nosso povo e até construiu uma sinagoga para nós". Então Jesus pôs-se a caminho com eles. Porém, quando já estava perto da casa, o oficial mandou alguns amigos dizerem a Jesus: "Senhor, não te incomodes, pois não sou digno de que entres em minha casa; nem sequer me atrevi a ir pessoalmente ao teu encontro. Mas ordena com tua palavra e meu empregado ficará curado. Eu também estou sob a autoridade de oficiais superiores e tenho soldados que obedecem às minhas ordens; e ordeno a um: 'Vai! E ele vai; e a outro: Vem! E ele vem; e ao meu empregado: Faze isto! E ele o faz' ". Ouvindo isto, Jesus ficou admirado. Virou-se para a multidão que o seguia e disse: "Eu lhes declaro que nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé". Os mensageiros voltaram para a casa do oficial e encontraram o empregado em perfeita saúde". — Palavra da Salvação. — P. Louvor a vós, ó Cristo!

## 12 PREGAÇÃO — PARTILHA

## 13 PROFISSÃO DE FÉ

S. Deus se torna morada para todos aqueles que crêem em seu nome e em sua obra de salvação. Professemos nossa fé no Deus e Pai de Jesus Cristo.

P. (canta): Eu creio em Deus, Pai Onipotente, Criador da Terra e do Céu.

Creio, Senhor, mas aumentai minha fé!

S. Jesus nos diz que jamais encontrou tamanha fé, como a do Oficial romano. Nós cremos em Jesus! Nós queremos ser salvos por Ele!

P. (canta): Creio em Jesus, nosso irmão: verdadeiramente Homem-Deus!

Creio, Senhor, mas aumentai minha fé!

S. Nós cremos no Espírito Santo, único que nos pode iluminar, a fim de que possamos reconhecer o verdadeiro Evangelho de Cristo.

P. (canta): Creio, também, no Espírito de Amor: grande dom que a Igreja recebeu.

Creio, Senhor, mas aumentai minha fé!

S. Nós cremos, sim, em ti, Jesus. E esta fé nos diz que Tu nos livras de todos os males, de todas as doenças, da nossa falta de fé... (Citar outros males)

P. (Se possível ajoelhado): "Senhor, não te incomodes, / pois não sou digno de que entres em minha casa e no meu coração / nem sequer me atrevo a estar aqui em tua presença. / Mas ordena com tua Palavra e eu ficarei curado.

## 14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, se o Senhor Jesus encontrar entre nós uma fé, ainda que pequenina, o Pai que o enviou atenderá os nossos pedidos. Confiantes, rezemos ao Senhor:

(Intenções espontâneas da comunidade...) S. Acolhei, Senhor nosso Deus, as preces destes vossos filhos. Que a vossa vontade seja feita, e não a nossa. Por Cristo nosso Senhor.

P. Amém!

## LITURGIA EUCARÍSTICA

### 15 CANTO DAS OFERTAS



Este pão já foi semente que a gente lá na roça semeou para que possa ter comida quem semeia. Pra que Deus agora faça desta massa o pão da ceia!

1. Nossas mãos cheias de calos da enxada que puxamos representam o trabalho que agora ofertamos.
2. Ofertamos nossos frutos e também o coração, para o Cristo, que alimenta, fazer deles outro pão.
3. Ofertamos nosso amor e a dor que faz chorar, pois o pranto é a melhor chuva pro amor frutificar.

### 16 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Confiantes, ó Deus, no amor de vosso Pai, acorremos ao altar com nossas oferendas. Dai-nos, por vossa graça, ser purificados pela Eucaristia que celebramos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

### 17 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(Prefácio próprio. No fim):

P. (canta): O Senhor é Santo... (A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. No fim):

S. Eis o Mistério da fé:



P. (canta): Todas as vezes que comemos deste Pão e bebemos deste cálice, anunciamos, Senhor, a vossa morte, enquanto esperamos a vossa vinda.

### 18 CANTO DA COMUNHÃO



1. Somos todos roceiros da roça do Pai e posseiros das terras deixadas pra nós. Vamos todos fazer a partilha, irmão, entre todas famílias sem terra e sem pão.

Vamos plantar mais um pouco de amor de caboclo e fazer mutirão. Pra começar nós já temos semente que é Cristo, é Jesus comunhão.

2. Se um dia a tarefa pesar como a cruz, ou nos ombros da gente ou nos ombros do irmão, vamos todos pedir reforço a Jesus, que Ele vem ajudar, se houver união.

3. Mas se grande alegria igual brilho reluz, ou no peito da gente ou no peito do irmão, vamos todos mostrar gratidão a Jesus, que Ele vai se alegrar, Ele vê o coração.

4. Mas, chegando a tristeza que ofusca a luz, ou nos olhos da gente ou nos olhos do irmão, vamos todos mostrar nosso pranto a Jesus, que Ele vem consolar quem tiver aflição.

### 19 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Ó Deus, governai, com vosso Espírito, os que nutris com o Corpo e o Sangue do vosso Filho. Dai-nos proclamar nossa fé, não somente em palavras, mas também na verdade de nossas ações. Assim mereceremos entrar no Reino dos céus. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

## RITO FINAL

### \* 20 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. Eis nossa missão: abrir as portas da comunidade para todos. Os que não crêem precisam encontrar o verdadeiro Evangelho de Cristo. É preciso, pois, lavrar a roça da vida e encontrar eitos, onde plantar a semente da Palavra.

P. (canta): O homem que lavra a roça da vida, usa a Palavra que foi escolhida, por Jesus Cristo que é a semente, pra toda gente plantar e colher. E todo peito é um eito de terra. Erra quem deixa o mato crescer.

C. Esta é a nossa missão: ser braço que possa dar vida ao coração ressequido daquele que não crê.

P. (canta): Roçar o chão. Lavrar as terras do coração. É grande a roça e poucos os roceiros, pra que o celeiro se encha de grãos. Vamos pedir para o dono da roça, braço que possa dar vida ao sertão.

### 21 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso: Pai, Filho e Espírito Santo.

P. Amém!

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.

P. Amém!

### 22 CANTO DE SAÍDA

Vem, caminheiro, o caminho é caminhar! Vai, peregrino, meu amor testemunhar!

1. Eu escutei os clamores do meu povo, eu pensei num mundo novo que está no coração de cada homem que responde a vocação.

2. Você, que tem o futuro pela frente, anda muito descontente, não tem tempo pra pensar, Deus tem um plano pra você realizar.

3. Nossa Senhora é a parte da herança, pra quem vive na esperança, sem orgulho e sem temor. A liberdade é conquistada com amor.

### LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: Tb 1,1a,2; 2,1-9; Sl 112; Mc 12,1-12.

/ 3ª-feira: Tb 2,10-23; Sl 112; Mc 12,13-17.

/ 4ª-feira: Tb 3,1-11,24-25a; Sl 25; Mc 12,18-27. / 5ª-feira: Tb 6,10-11a; 7,1-9-17; 8,4-10; Sl 128; Mc 12,28b-34. / 6ª-feira:

Tb 11,5-17; Sl 146; Mc 12,35-37. / Sábado:

Tb 12,1,5-15,20; Tb 13,2,6-8; Mc 12,38-44. / Domingo: 1Rs 17,17-24; Sl 30; Gl 1,11-19; Lc 7,11-17.

# IMPOSSÍVEL EVANGELIZAR ACEITANDO A ESCRAVIDÃO

Valéria Rezende

Apesar de toda repressão, sempre havia negros que conseguiam fugir. Quando tinham sucesso na fuga, organizavam-se em comunidades livres, nas matas virgens, que se chamavam quilombos. Alguns quilombos conseguiram guardar sua liberdade por muitos anos. Mas acabavam sendo destruídos pelos exércitos dos brancos. O maior quilombo que se conhece, que durou quase cem anos, foi o dos Palmares, no nordeste do Brasil. Mal um quilombo era destruído, logo surgia outro, em outro lugar, durante todo o tempo de escravidão. A Igreja nunca deu assistência religiosa aos quilombolas, como se chamavam os negros livres dos quilombos.

Mas, em geral, nos quilombos, os negros conservavam a religião católica e até proibiam as religiões africanas, para impedir que se criasse divisões e inimizades de tribos dentro do quilombo: para guardar a liberdade, a união era indispensável. Às vezes, os quilombolas raptavam um padre e o levavam para celebrar a missa e administrar os sacramentos nos quilombos. Uma vez, um padre jesuíta italiano, missionário no Brasil, pediu licença para ir ao quilombo dos Palmares, livremente, dar assistência aos negros. Ele se preocupava com a situação daqueles cristãos, sem o apoio e a assistência da Igreja. Recebeu permissão do Papa para ir, mas seu superior, que era o mesmo Pe. Antônio Vieira, não deixou que fosse. Vieira dizia que aqueles escravos, tendo fugido e se revoltado, estavam em pecado mortal e por isso não ti-

nham o direito aos sacramentos, enquanto não voltassem aos seus senhores.

O Padre Vieira também dizia que a única solução seria os senhores concederem a liberdade aos negros do quilombo, mas achava que isso não era possível, pois assim logo apareceriam numerosos Palmares e isso ia pôr em perigo o sistema da escravidão. Vieira via muito bem que toda a colônia e o poder de Portugal no Brasil tinham a escravidão como alicerce, e que "sem escravos não havia Brasil". Como ele queria que a Colônia continuasse a existir, não podia ser contra a escravidão. Esse foi o drama da Igreja no Brasil colonial e escravista: ou aceitar a escravidão, ou desistir de ficar no Brasil. Mas aceitando a escravidão, aceitava, talvez sem perceber, a traição do Evangelho de Jesus. Como tudo o que já conhecemos da história da Igreja nos primeiros tempos de sua presença em nossa terra, já podemos ver que aqueles que desejavam realmente evangelizar tinham que enfrentar grande número de dificuldades e tentações. Já vimos também que grande parte da Igreja não foi capaz de ser verdadeiramente missionária e dar testemunho do Evangelho. Mas não podemos imaginar que isso tudo acontecesse por maldade e falta de sinceridade de todos os cristãos portugueses que aqui chegavam.

Não podemos duvidar da sinceridade missionária de muitos religiosos, que arriscavam suas vidas, viajando a pé quase sozinhos, pelo interior, em busca de aldeias indígenas para

catequizar-las. Muitos encontraram a morte, nas mãos dos próprios índios ou pelas doenças e a fome. Mesmo quando procuravam fazer os escravos se conformarem com o cativeiro e esperarem a libertação só depois da morte, muitos estavam procurando sinceramente fazer o bem. Hoje, que temos uma visão diferente do mundo e do Evangelho, vemos que estavam colaborando com uma injustiça. Mas, para quem vivia naquele tempo, dentro daquela situação, não era possível compreender estas coisas com a mesma claridade que temos hoje.

Não podemos esquecer que os padres, os missionários, eram criados como todos os europeus, com a idéia de que eles eram superiores aos outros povos, e que índios e africanos eram gente inferior, bruta e ignorante. Também pensavam que a civilização da Europa e sua cultura eram as melhores e inteiramente cristãs. Mesmo o reinado português, que procurava enriquecer e aumentar seu poder, justificava sua ação sempre em nome de Deus. Uma mentalidade assim, principalmente quando ela serve para apoiar os interesses e vantagens de um povo ou de uma classe sobre as outras, é como um véu sobre a vista, que deixa as pessoas como cegas diante de muitos fatos. Os missionários daquele tempo tinham a mentalidade da época e eram, assim, incapazes de enxergar muitas coisas. Agiam sinceramente conforme a compreensão que conseguiam ter.

## VIVER EM CRISTO

### UMA COMUNIDADE INTERCESSORA

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

Este 9º Domingo do Tempo comum pode ser chamado de Domingo do Evangelho do Centurião (Lc 7,1-10), que suplica: "Senhor, eu não sou digno de que entres em minha casa, dize uma palavra e meu servo será curado". As três leituras têm a intercessão como ensinamento central. Na 1ª (1Rs 8,41-43) é Salomão quem reza por todo estrangeiro que venha rezar no templo que ele construirá. Na 2ª é Paulo quem se apresenta como mediador do Evangelho de Cristo. No Evangelho é o Centurião quem intercede por seu servo. Percebemos um pormenor interessante: Quem intercede é o superior em favor de seus súditos: Salomão pelos que não pertencem ao povo de Israel; Paulo pelos gálatas; o Centurião por seu servo. A confiança do pedido baseia-se numa fé profunda em Deus.

Neste Domingo a Comunidade eclesiástica é chamada a fazer sua experiência pascal em Cristo na linha da intercessão. Ela constitui uma Comunidade intercessora. A intercessão está presente em sua Liturgia sobretudo nas Preces dos fiéis e na Oração eucarística. Para bem exercer esta sua vocação de intercessora, é preciso que os cristãos vivam conscientes de que não são os únicos agraciados por Deus. A exemplo de Salomão, hão de abrir o seu coração para os pecadores, os pobres, os necessitados. Não só aos cristãos católicos, mas a todos os cristãos e todos os homens e mulheres de boa vontade. Eles, a seu modo, também se dirigem a Deus, voltam-se para Cristo como o centurião. Os pais são chamados a rezarem pelos filhos, os pastores pelo rebanho a eles confiado, os professores por seus alunos, os patrões por seus empregados,

os governantes pelos governados. Esta oração abrirá seus corações para a reconciliação, para a justiça e a fraternidade, pois importa que a ação acompanhe o sentido da oração. Importa viver e aplicar nos nossos relacionamentos o Evangelho na sua pureza, conforme a exigência de Paulo.

O Domingo de hoje leva a Igreja a viver sobretudo sua dimensão ecumênica e de diálogo religioso. Para que sua oração de intercessão seja autêntica importa que ela seja precedida da convicção de que todos os homens e mulheres de boa vontade podem encontrar os favores de Deus. E siga um compromisso de valorizar o próximo, todo próximo, sobretudo o mais necessitado. Então a palavra eficaz de Cristo continua a fazer milagres.

### «NÃO EXISTEM MAIS PROFETAS» (Sl 74,9)

Carlos Mesters

desapareceu. Deus ficou mudo! E durante mais de 500 anos não apareceu mais nenhum profeta. Esse estranho e inexplicável silêncio de Deus levou o povo a dizer: "A mão de Deus mudou" (Sl 77,11). No passado, ele respondia ao povo (Sl 99,6-8). Agora, já não falava mais! A profecia passou a ser um assunto só do passado. Um motivo de lembranças e de saudades!

Mas, quanto maior a saudade da profecia, tanto maior a esperança de um novo profeta. Essa esperança vinha de longe e foi crescendo com o povo, tomando formas diferentes nos vários períodos da história. Esperavam alguém que, como Moisés, pudesse transmitir-lhes a Palavra de Deus (Dt 18,18); alguém que, como Elias, pudesse reunir o povo e restabelecer as tribos de Israel (Ml 3,23; Eclo 48,10). Esperavam um profeta que lhes dissesse o que deveria ser feito, para sair do provisório e entrar no definitivo (1Mc 4,46; 14,41). Esperavam que a

futura profecia fosse maior do que a antiga: o povo todo iria receber o dom do Espírito e ter visões (Jl 3,1-2; Ez 39,29; Zc 12,10). Numa palavra, eles esperavam uma nova experiência do Deus vivo. Essa longa espera continuava no tempo de Jesus (Jo 1,21; At 3,22; 7,37). O povo achava que Jesus fosse o "profeta que deveria vir ao mundo" (Jo 6,14).

Resumindo: na época depois do exílio até o Novo Testamento, a profecia já não pertencia ao presente, mas ficou ligada, quase exclusivamente, ao passado e ao futuro. Ela era fonte, ao mesmo tempo, de saudade e de esperança. De saudade, porque fazia lembrar as palavras que Deus tinha falado no passado, através dos antigos profetas. De esperança, porque fazia desejar um novo encontro com Deus no futuro. Entre o passado e o futuro, estava o presente, marcado pela dolorosa ausência: "Não existem mais profetas!" (Sl 74,9).